

A conciliação nacional e os cavaleiros de Tanatos

- ABR 1964

Mauro Santayana (*)



O antigo duelo entre Tanatos e Eros, entre a vida, que é alegria e criação, e os travessos subterrâneos da morte chega, nestes nossos dias, ao terreno da política. O sofrimento maior de Tancredo, e o conhecemos bem, não devem ser as dores, mas as incertezas de seu grande projeto nacional. Ele guardou, durante algum tempo, incômodos que lhe pareciam passageiros, porque, mais fortes do que os cuidados próprios, lhe reclamavam atenção os cuidados para com a Nação.

Nestes dias em que o forte entusiasmo das ruas, na campanha de libertação que ele liderou, se recolhe, transmutado em fundo sentimento de doloroso medo no peito de cada um de nós, há os que apostam no pior, porque o pior é o seu íntimo desejo.

Tancredo, em seu leito de hospital, representa o sentimento do amor, da alegria, da criação. Ele é a Nação que desejamos, solidária, feliz, de homens iguais em seus direitos, e iguais no usufruto dos bens da vida. Ele é a conciliação, a paz, o entendimento político em torno das graves e penosas tarefas que o nosso povo deve cumprir.

Do outro lado surgem, animados, os sacerdotes de Tanatos. Os que preparam, hipocritamente, os adjetivos de louvamento e as desvertebradas interjeições de condolências, quase fascinados nesse serviço.

hipóteses açodadas que começam a se desenhar. O companheiro de chapa de Tancredo deve precaver-se contra tão entusiasmados amigos. Ele não deve perder a lucidez, que o tem orientado no exemplar comportamento ético destas três semanas. Essa lucidez mostra-lhe que a legitimidade de seu cargo, se tem a legalizá-la a letra constitucional, funda-se na confiança que a Nação outorgou a Tancredo para construir a Aliança Democrática.

O que distingue os estadistas dos ditadores, menores ou maiores, é a consciência da realidade. Os estadistas não fazem os governos que desejam, mas os governos que são possíveis, dentro das condições do tempo. "O governo não se faz com amigos", costuma dizer Tancredo. "O governo a gente faz com correligionários." A estabi-

lidade e o desempenho das administrações políticas não dependem da coesão em torno de afinidades pessoais de seus membros, mas da coesão em torno dos projetos que transcendem as volúveis manifestações de simpatia ou antipatia.

O governo que Tancredo construiu, e anunciou à Nação poucas horas antes do momento em que devia tomar posse, é resultado de uma paciente reflexão de estadista. Ele foi escolhido, tendo em vista o ajuste entre todas as forças políticas que se reuniram para derubar a muralha de temor e imobilismo que protegia o sistema instaurado em 1964.

Não é, conforme ele mesmo disse, um governo de gênios ou de santos, mas uma equipe de homens normais, imbuídos da responsabilidade da hora. Será um desalento para a Nação descobrir que há entre eles

uns e outros que aguardam, no vestibulo, a chegada de Tanatos, a fim de converter o sentimento geral de tristeza em hora de alegria particular. Já não bastam os que tratam o drama de Tancredo como uma militante imparcialidade jornalística, pairando, com olímpica serenidade, sobre a angústia nacional. É preciso que a eles se unam os velhos adversários políticos de Tancredo, que se haviam juntado ao projeto conciliador em busca de sobrevivência, e, agora, diante do leito de enfermo, esfregam as mãos, esperando o cálice da amargura, que nós pedimos ao Senhor afastar do Brasil.

Em respeito ao sofrimento da família de Tancredo, que somos hoje a Nação inteira, pedimos a estes três ou quatro cavaleiros do Apocalipse de ocasião que se contenham. Guardem o

seu oprobrioso conluio e não lancem as sementes da cizânia nos campos lavrados para a paz.

E já que nos pedem para raciocinar friamente, façamo-lo. O tempo que inauguramos em 15 de março é fruto da vontade do povo brasileiro. Tancredo apenas recebeu a confiança nacional para organizar um sistema político, isto é, de transigência e negociações, capaz de administrar a retomada do processo democrático e assegurar a reconstrução do poder civil.

Para isso, e falando em termos exclusivamente políticos, ele fundou os alicerces do poder na força dos governadores e na representatividade do Congresso Nacional. E no Congresso Nacional, e nos governos estaduais, que contam com uma legitimidade incontestável, e instrumentos reais de poder, que se

assenta hoje o governo da República. E bom saber disso e dispensar, entre outros, alguns consultores que já usaram farda e se diziam entendedores em conspirações militares. Diziam-se, porque não se deram bem ultimamente. Não se deram bem no governo anterior e não se deram bem na escolha do candidato à Presidência da República. Em suma, já passaram de moda e, se nunca serviram do ponto de vista ético, não servem há muito do ponto de vista técnico.

Nesta luta entre Tanatos e Eros, nós ficamos com o deus da alegria e do amor. A vida tem sempre prevalecido, desde que ela se instalou na Terra. E a força de nosso povo não permitirá a derrota de Tancredo em sua luta pela democratização do País.

(*) Jornalista e escritor.

E existem os que, avidos, lançam seus dados sobre a relva, para disputar o legado de seu manto: a liderança que construiu sobre a Nação inteira.

As especulações que se fazem, neste fim de semana, são dispensáveis. Ninguém contesta direitos constitucionais do presidente Sarney, mas, em homenagem ao grande presidente Tancredo Neves, que luta por todos nós, ao lutar por sua vida, devemos contestar com veemência as